

# O resumo como prática de retextualização na educação básica\*

*Fernanda de Castro Batista Coelho\*\**

*Lígia de Souza Ribeiro\*\*\**

## RESUMO

Neste trabalho, investigamos representações do gênero resumo de alunos de 5ª série do ensino fundamental de uma escola da rede particular de ensino de Belo Horizonte.

Palavras-chave: Gênero textual; Resumo; Retextualização.

A produção do gênero textual<sup>1</sup> resumo é uma prática de retextualização demandada por diferentes disciplinas na educação básica; assim, encarando a produção de resumos como uma atividade escolar, torna-se necessário um estudo desse gênero, visto que não há, ainda, uma investigação precisa acerca das configurações formais desse gênero em contexto de ensino.

\* Este artigo é resultado de dois grandes momentos de reflexão: i) de nossa inserção como bolsistas do projeto de pesquisa (Fapemig SHA 0419/01) que investiga os gêneros textuais escritos (resumo e resenha), intitulado “Retextualização de textos acadêmicos: leitura, produção de textos e construção de conhecimentos”, coordenado pela professora doutora da PUC Minas Maria de Lourdes Meirelles Matencio; ii) de oficina que ministramos no EMEL-2002 (Encontro Mineiro dos Estudantes de Letras) realizado na PUC Minas, intitulada “O resumo como prática de retextualização na escola: resumir para ler ou ler para resumir?”.

\*\* Mestranda em Língua Portuguesa – PUC Minas, bolsista da Capes.

\*\*\* Licenciada em Letras – PUC Minas.

<sup>1</sup> Entendemos o termo gênero textual como o faz SILVA (1999, p. 105). Essa autora, ancorada nos fundamentos de BAKHTIN (1992), afirma o seguinte: a noção de



A ausência de estudos dessa natureza dificulta e, talvez, inviabilize a avaliação do professor, resultando em um tratamento pouco teorizado dado pelos docentes ao processo de retextualização, seja em relação à maneira como o professor apresenta a atividade, ao momento em que se dá a produção do resumo ou, ainda, ao processo de avaliação. Em outras palavras, o que ocorre é a falta de estudos que dêem embasamento teórico para que os professores, de língua materna e de outras áreas de conhecimento, sistematizem ou se posicionem diante das representações que têm interiorizadas ou projetadas do gênero resumo.

Diante desse quadro, pareceu-nos necessário investigar se os conhecimentos produzidos no projeto “Retextualização de textos acadêmicos” (cf. nota 1) – a partir do estudo de resumos e resenhas produzidos na universidade – encontram aplicação nas atividades de retextualização produzidas nesse outro universo – o da educação básica.

Os resumos produzidos, que constituem o nosso banco de dados,<sup>2</sup> têm como texto-base “O homem trocado” (cf. Anexo 2), de Luís Fernando Veríssimo. A instrução norteadora da atividade foi a seguinte: Sua tarefa é produzir um resumo do texto “O homem trocado” de Luís Fernando Veríssimo.

Constituímos esse *corpus* em estudo exploratório realizado no período de 15 dias em uma escola da rede particular de ensino de Belo Horizonte. Nesse período, perguntamos aos professores de língua materna, dessa escola, se a produção desse gênero era uma prática presente no cotidiano escolar dos alunos. Dos quatro professores, apenas um afirmou que não trabalhava com a produção de tal gênero.

---

gênero discursivo (textual) pode ser entendida como “formas de funcionamento da língua que nós, sujeitos, construímos e atualizamos na forma de textos nas situações discursivas de que participamos. São fenômenos, contextualmente situados, reconhecidos por nós empiricamente”.

<sup>2</sup> Consideramos 111 resumos produzidos por alunos de 5ª e 8ª séries do ensino fundamental e da 1ª e 3ª séries do ensino médio. A razão que justifica a escolha dessas séries é a de que procuramos investigar produções realizadas por alunos de diferentes idades.

de sumarização por meio do qual o leitor construiria uma espécie de resumo mental”.

O que Machado postula como “processo de sumarização” é o que van Dijk chama de “estratégias de redução de informação semântica”. Esse processo de sumarização ou redução semântica se dá em função de uma série de regras, nomeadas por van Dijk como “macrorregras”, as quais se organizam em dois grandes grupos: APAGAMENTO (o resumidor detecta e seleciona informações consideradas por ele relevantes) e SUBSTITUIÇÃO (o resumidor generaliza a informação, construindo uma proposição mais abrangente).

Pode-se concluir, portanto, que investigando o gênero resumo escrito, seu funcionamento e representação, estaremos discutindo a leitura, pois, nesse caso, retextualizar implica ler, e ler, por sua vez, implica sumarizar.

E essa sumarização se dá em função dos conhecimentos prévios do sujeito leitor, assim, durante a leitura o sujeito vai decidindo o que é ou não relevante aos seus propósitos de leitura. Essas escolhas se dão, também, em função do significado que o sujeito, no caso o aluno, atribui a essa prática de retextualização e ao contexto sócio-cultural em que emerge.<sup>3</sup>

Assim, parece-nos evidente que não há como garantir que o aluno selecione as informações presentes no texto-base que o professor julga serem as mais relevantes, embora algumas vezes isso possa, coincidentemente, ocorrer.

Por conseguinte, durante a leitura e avaliação do texto desse aluno, pode ocorrer um desencontro entre a identificação de macroestrutu-

---

<sup>3</sup> A escola é apenas uma das agências de letramento da qual participa o aluno; podemos, assim, pensar que, quando se dá a inserção dos alunos na escola, esses já trazem interiorizadas uma série de representações acerca da vida, da importância ou não da escola, do que é aprendizagem e de como se aprende. Representações que foram construídas em situações interativas em outras agências de letramento (por exemplo, a família e/ou o grupo religioso). Assim, podemos afirmar que os sujeitos só produzem textos (orais ou escritos) partindo do que conhecem, de seus conhecimentos prévios e, portanto, de suas representações.

ras (pois cada leitor, em função de seus conhecimentos prévios, realiza uma seleção diferente) e a imagem que ambos (professor e aluno) têm construídas do gênero resumo.

Pela análise da seleção e do modo de construção das proposições pelos sujeitos resumidores, podemos investigar as diferentes configurações e funções que os resumos podem assumir e representar.

#### EXPLORANDO RESUMOS E REPRESENTAÇÕES

Do 111 textos coletados, selecionamos cinco resumos produzidos por uma turma de 5ª série (integrada por um total de 35 alunos), que ilustram os diferentes tipos de resumos produzidos pelo conjunto de alunos.

Apresentaremos, juntamente, com os resumos as definições dos alunos, para que, assim, possamos vislumbrar se há relação entre a maneira como o aluno conceitua o gênero e o texto que é produzido.

##### Exemplo 1

O homem trocado

Um homem acorda de uma anestesia e troca uma "ideia" com a enfermeira

O que é resumo para você? Para que serve?

É escrever o texto de novo mas (menor em palavras).

Ele serve para demorar menos para ler

Produzir resumos é uma prática constante em sua vida? Explique.

Resumir é sinal de preguiça de ler

## Exemplo 5

O que é resumo para você? Para que serve?

É essencial um pequeno texto sobre um outro  
 texto falado que ele escreveu resumidamente.  
 Deve-se fazer em termos mais o texto em  
 poucas palavras.

Produzir resumos é uma prática constante em sua vida? Explique.

Sim, pois eu faço nos cursos que a Gerenci-  
 da dá.

O resumo 1 apresenta uma configuração pouco recorrente no universo de textos produzidos, já que o aluno-resumidor produz seu texto apenas apresentando a macroproposição global selecionada por ele. Esse resumo possibilitou que levantássemos alguns questionamentos: como avaliar negativamente esse aluno se o docente e a turma não construíram juntos uma concepção do que seja produzir resumos?; o fato de o aluno escrever pouco demonstra falta de interesse na produção da atividade?; o que o resumo do aluno pode nos dizer de sua compreensão do texto?

A maneira como o aluno conceituou o gênero resumo nos fornece pistas para levantarmos algumas possíveis respostas para esses questionamentos. Esse resumidor, de fato, se orienta pelas respostas que produziu, pois seu texto é bem menor que o texto-base e parece, também, justificar um pouco de desânimo ao realizar esse tipo de tarefa na escola: resumir é sinal de preguiça de ler.

Já no 2º resumo, encontramos um outro tipo de estratégia utilizada para a produção desse gênero, pois observamos que o resumidor se posiciona “Eu entendi que...”, estabelecendo, por conseguinte, um diálogo com seu interlocutor (o professor). Há, assim, uma preocupação de apresentar para o interlocutor sua compreensão do texto lido. Dessa maneira, acreditamos que o 2º resumidor está mais preocupado em produzir uma atividade significativa do que o 1º resumidor.

Talvez possamos afirmar que as respostas do 2º resumidor se relacionem à voz do professor e ao suposto objetivo da tarefa que o aluno tem internalizado. Há, também, nesse resumo, indícios que nos per-

mitem refletir sobre a compreensão do texto-base pelo aluno. O que notamos é que o aluno, mesmo com inadequações de sua escrita, produz um sentido distinto daquele que as proposições do texto-base possibilitam.

Os resumos 3, 4 e 5 podem ser analisados conjuntamente, pois destacamos que os resumidores mantêm em suas produções uma fidelidade maior às proposições do texto-base se comparados aos resumos 1 e 2.

Essas três produções não nos fornecem pistas de quem seja o interlocutor (apesar de sabermos que é o professor). Parece-nos, assim, que a produção desses alunos se aproxima mais daqueles resumos que são produzidos em outras situações comunicativas que não aqueles demandados pelo professor em sala de aula, se comparados com os resumos 1 e 2. Uma pista que estabelece a diferença entre um interlocutor que conhece o texto-base pode ser encontrada no resumo 2: “Eu entendi que nada na vida do personagem...”, já os outros resumidores optam pela utilização do artigo indefinido: “Era um homem”, “Era uma vez um homem”, “Conta a vida de um homem” e “Um homem acorda”.

Verificamos, por meio da análise desses resumos, como as representações que circulam na educação básica acerca do gênero resumo são díspares. E o que mais nos incomoda é o fato de alunos da mesma turma, como vislumbramos com os textos da 5ª série, conceituarem o resumo tendo em mente funções sociocomunicativas tão distintas.

Daí a nossa grande inquietação: qual é a validade de continuarmos solicitando essa prática de retextualização na escola sem antes termos construído em parceria com os alunos um significado para essa prática?, até quando continuaremos solicitando aos nossos alunos a produção de resumos sem delimitarmos condições para a produção desse gênero que não encontrem aplicação fora dos muros da escola?, que habilidades estamos perseguindo com a produção de resumos?

Por fim, acreditamos que a função do resumo na educação básica deve se aproximar daquela atribuída aos resumos que aparecem nas

resenhas produzidas na universidade, ou seja, afirmamos a necessidade de uma prática de retextualização, nos ensinamentos fundamental e médio, em que os alunos tenham voz, posicionando-se acerca da temática ou proposições veiculadas no texto-base.

Não há mais lugar para o resumo que se configure como mera prova de que o aluno realizou a leitura do texto-base. Cabe, portanto, aos professores incomodarem-se com os resumos produzidos por seus alunos, teorizar sobre essa prática de retextualização e co-construir com os discentes um conceito para o gênero resumo que, realmente, encontre significação no cotidiano escolar.

#### ABSTRACT

In this paper, we investigate representations of the résumé genre on students from the fifth grade of an elementary school in Belo Horizonte.

Key words: Genre; Abstract; Rewriting.

#### Referências

- MACHADO, Anna Rachel. Revisitando o conceito de resumos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 138-150.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. *Da fala para escrita: processos de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Retextualização de textos acadêmicos: leitura, produção de textos e construção de conhecimento*. Projeto de Pesquisa (Fapemig SHA 0419/01). Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. In: *Revista Scripta*, v. 6, n. 11. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002. p. 109-122.
- VAN DIJK, Teun. Macro-estructuras. In: *Texto y contexto (semántica y pragmática del discurso)*. Madri: Cátedra, 1977. p. 195-229.
- VAN DIJK, Teun. Macroestructuras semánticas. In: *Estructuras y funciones del discurso*. Madri: Siglo Veintiuno Editores S.A., 1978. p.43-57.
- VAN DIJK, Teun. *La ciência del texto*. Madrid: Paidós, 1988

## Anexo 1

Sua tarefa é produzir um resumo do texto “O homem trocado”, de Luís Fernando Veríssimo. Entretanto, antes de resumi-lo, responda:

O que é resumo para você? Para que serve?

---

---

---

Produzir resumo é uma prática constante em sua vida? Explique.

---

---

---

## Anexo 2

### O Homem Trocado

O homem acorda da anestesia e olha em volta. Ainda está na sala de recuperação. Há uma enfermeira do seu lado. Ele pergunta se foi tudo bem.

— Tudo perfeito – diz a enfermeira, sorrindo.

— Eu estava com medo desta operação...

— Por quê? Não havia risco nenhum.

— Comigo, sempre há risco. Minha vida tem sido uma série de enganos...

E conta que os enganos começaram com seu nascimento. Houve uma troca de bebês no berçário e ele foi criado até os dez anos por um casal de orientais, que nunca entenderam o fato de terem um filho claro com olhos redondos. Descoberto o erro, ele fora viver com seus verdadeiros pais. Ou com sua verdadeira mãe, pois o pai abandonara a mulher depois que esta não soubera explicar o nascimento de um bebê chinês.

— E o meu nome? Outro engano.

— Seu nome não é Lírio?

— Era para ser Lauro. Se enganaram no cartório e...

Os enganos se sucediam. Na escola, vivia recebendo castigo pelo que não fazia. Fizera o vestibular com sucesso, mas não conseguira entrar na universidade. O computador se enganara, seu nome não apareceu na lista.

— Há anos que a minha conta do telefone vem com cifras incríveis. No mês passado tive que pagar mais de R\$ 3 mil.

— O senhor não faz chamadas interurbanas?

— Eu não tenho telefone!

Conhecera sua mulher por engano. Ela o confundira com outro. Não foram felizes.

— Por quê?

— Ela me enganava.

Fora preso por engano. Várias vezes. Recebia intimações para pagar dívidas que não fazia. Até tivera uma breve, louca alegria, quando ouvira o médico dizer:

— O senhor está desenganado.

Mas também fora um engano do médico. Não era tão grave assim. Uma simples apendicite.

— Se você diz que a operação foi bem...

A enfermeira parou de sorrir.

— Apendicite? – perguntou, hesitante.

— É. A operação era para tirar o apêndice.

— Não era para trocar de sexo?